

VOOS NA SABEDORIA: O ENSINO DO PATXOHÃ NA ESCOLA ESTADUAL INDIGENA KIJETXAWÊ ZABELÊ¹

Cristiane Maria de Oliveira²



Obra: Zabelê³

¹ Trabalho dedicado aos Troncos Velhos das aldeias de Cumuruxatiba, em particular aos da Aldeia Kaí, pela coragem de sempre estar lutando, passando confiança para os mais novos e de terem orgulho de nossa identidade étnica.

² Artigo escrito a partir de pesquisa de TCC realizada para obtenção do título de licenciada em Interculturalidade indígena, sob orientação do professor doutor Francisco Vanderlei Ferreira da Costa.

Este trabalho também contou com a leitura atenciosa de Paulo de Tássio Borges da Silva.

³ Obra: Zabelê, artista: Zig Pataxó, técnica: Aquarela. Coloco como epígrafe deste trabalho a obra em homenagem e agradecimento à nossa guerreira Zabelê, grande incentivadora na retomada do *Patxohã*.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Por pertencer a um dos inúmeros grupos Pataxó, considerados ressurgentes ou em processos de etnogênese, identificados no contexto do ano 2000, estou totalmente “implicada” no processo-produto deste estudo de metodologia de Ensino de língua indígena Pataxó na Escola Estadual Indígena Kijetxawê Zabelê. Estudo que pode muito bem ser considerado como um tipo de pesquisa-ação, nos termos definidos por René Barbier (1996), se considerarmos o grau de implicação de quem o produziu e aqui descreve seu percurso. Na Pesquisa-ação, conforme assinalam Pimenta & Franco (2008), o pesquisador tem a possibilidade de refletir sua prática, tendo a pesquisa um caráter coletivo numa relação próxima entre a teoria e a prática. Segundo Engel (2000):

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa participante engajada, em oposição à pesquisa tradicional, que é considerada como “independente”, “não-reativa” e “objetiva”. Como o próprio nome já diz, a pesquisa-ação procura unir a pesquisa à ação ou prática, isto é, desenvolver o conhecimento e a compreensão como parte da prática. É, portanto, uma maneira de se fazer pesquisa em situações em que também se é uma pessoa da prática e se deseja melhorar a compreensão desta (p. 182)

Assim, essa pesquisa compreende não só uma reflexão sobre minha prática como professora da Escola Estadual Indígena Kijetxawê Zabelê, mas minha participação enquanto pesquisadora no grupo de pesquisa *Atxohã*, com a colaboração de outros parentes também pesquisadores.

É bom registrar que, situadas na fronteira da exclusão, mais de 300 famílias de nosso Povo Pataxó completam mais uma década de luta por suas terras imemoriais nas aldeias de Cumuruxatiba, e de modo igualmente determinado para recuperar, revitalizar e reinserir no cotidiano saberes e práticas tradicionais, herdadas de seus antepassados que ameaçam cair em desuso ou que foram esquecidas na memória coletiva dos grupos que sobreviveram aos sucessivos massacres ocorridos. Desta forma, essa pesquisa também tem uma inspiração auto-etnográfica ao partir de minha experiência pessoal e coletiva na construção de elementos descoloniais no ato de pesquisar. Para Fortin (2009):

A auto-etnografia (próxima da autobiografia, dos relatórios sobre si, das histórias de vida, dos relatos anedóticos) se caracteriza por uma escrita do “eu” que permite o ir e vir entre a experiência pessoal e as dimensões culturais a fim de colocar em ressonância a parte interior e mais sensível de si (FORTIN, 2009, p. 83).

Decidir desenvolver este trabalho de pesquisa, a partir das minhas observações durante as reuniões pedagógicas na qual pude perceber a inquietação dos professores que reclamavam do pouco recurso que a escola apresentava para o trabalho com o ensino de língua Patxôhã, além das conversas com as pessoas na comunidade quando diziam que o ensino da língua estava muito fraco.

Meu objetivo principal aqui nesta pesquisa e mostrar que podemos esta diretamente em contato com o ensino da língua Pataxó quando devemos não só deixar que apenas a escolar seja responsável por ofereça o desenvolvimento com o ensino da língua Pataxó, na qual os aprendizes possam perceber, sentir e ser sujeitos de sua própria aprendizagem, favorecendo suas interações no ato de estar diretamente em contato com o Patxôhã. Percebi que devemos dar mas prioridade a essas experiências acerca da interação entre comunidade e escola para que a partir daí, as crianças jovens e adultos desenvolvam juntamente aos seus respectivos professores, isso incluindo os velhos das nossas comunidades , possam pesquisar, questionar, argumentar e formular suas opiniões acerca das pesquisas feitas com os mais velhos de nossa comunidade na qual vejo e sou exemplo de que temos muito o que aprender contribuir na revitalização da cultura Pataxó a partir dos estudos da língua Pataxó de nosso Povo.

Acredito que as propostas apresentadas aqui, ultrapassaram o impresso no papel, tendo como recurso algumas diferentes formas e práticas de ensino de língua Patxôhã, partindo das pesquisas com os diferentes relatos dos nossos velhos e professores da educação escolar indígena. Para me, foram de suma importância poder aqui mostrar e contribuir com o que diz respeito a pratica e o ensino da Língua Pataxó.

Nesse sentido, o trabalho em questão sobre a metodologia do ensino de língua Patxôhã é produto do Curso de Graduação da primeira turma da Licenciatura Intercultura Indígena, oferecido pelo Instituto Federal de Educação

Ciências e Tecnologia da Bahia – IFBA, Campus Porto Seguro, que por sua vez vem buscando através de suas pesquisas entre os cursos oferecidos para professores indígenas, contribuir com materiais didáticos para as escolas indígenas. Neste trabalho está contido 4 anos de idas e vindas nos módulos de formação, meus percalços, desejos e não só meus sonhos, mas o sonho do meu povo.

Meu interesse aqui se baseia em perceber a maneira como a língua Pataxó é ensinada e a importância de se inserir novas metodologias no ensino da língua *Patxôhã*. Isso pode se dar com o auxílio de materiais didáticos escritos em *Patxôhã* e discussões propostas pelos próprios professores e comunidades em relação ao uso desses materiais.

Este trabalho mostra uma reflexão sobre as atividades pedagógicas propostas em uma escola/comunidade Pataxó, comunidade essa que acerca do ensino de língua indígena Pataxó vem tentando trabalhar em conjunto para desenvolver etnometodologias de ensino da língua Pataxó. A comunidade em questão encontra-se em Cumuruxatiba, na aldeia Kaí, Município de Prado - Bahia. A pesquisa foi realizada na aldeia Kaí, na Terra Comexatiba no Território (TI) Kaí Pequi.

A pesquisa em questão foi feita a partir de entrevistas com professores de língua indígena, no qual eles expressaram as facilidades e as dificuldades que tem encontrando no decorrer do tempo em que trabalham nesse contexto com a língua Pataxó, além de apresentar metodologias usadas e desenvolvidas durante esse período de trabalho.

Para falarmos de ensino de língua Pataxó, não podemos deixar de mencionar as maneiras que se pode obter o conhecimento da língua e qual a importância de analisar as metodologias de ensino existentes para que ocorra a aprendizagem. Vale dizer ainda que em alguns momentos estarei utilizando língua *Patxohã* e em outros língua Pataxó. A expressão língua Pataxó é mais comum com os idosos, diferente da expressão *Patxohã* mais utilizada entre os professores e pesquisadores. Com os mais velhos é mais usual a frase “vamos cortar na língua Pataxó” para se dizer que não vamos falar na língua portuguesa, contudo, o uso das duas expressões aqui não tem o intuito de uma sobrepor à

outra, ao contrário, o objetivo é mostrar que há diferentes formas de falar em nossas comunidades.

O trabalho apresenta etnometodologias utilizadas pelos professores indígenas em sala de aula, sendo essas de fundamental importância para que ocorra ou não uma aprendizagem significativa para o aluno, uma vez que as aulas da língua Pataxó envolvem dos mais diversos conhecimentos, que auxiliam o aluno em seu dia-a-dia não apenas em questão da língua trabalhada, mas também sobre a sua cultura. As etnometodologias de ensino de língua Pataxó podem ser vistas como orientações para que os professores comecem a refletir sobre os processos de ensino envolvidos, possibilitando construir outras metodologias pela sua prática diária. O trabalho traz como exemplo Dona Zabelê, um dos troncos linguísticos que tanto lutou para que a língua Pataxó permanecesse viva em nossas memórias.

2. A LUTA PELA LÍNGUA INDÍGENA

“A linguagem é o espaço onde o ser humano busca dar sentido à sua própria existência”

(Jocelino Tupinikim)

Para discutir o ensino de línguas indígenas nas escolas indígenas e nas comunidades indígenas, é importante que façamos, mesmo de forma breve, uma retrospectiva histórica, para melhor entender as razões da reprodução, nos dias atuais, de uma prática de ensino dessas línguas.

Segundo os estudos realizados no Brasil, existem aproximadamente 180 línguas indígenas, numa população indígena de 896.917 pessoas, pertencentes a mais de 230 povos (IBGE, 2010). Segundo Montserrat

Quatro são os grupos maiores de línguas no Brasil, com distribuição geográfica extensa e com vários membros: Tupi, Macro-Jê, Aruak e Karib. Há depois várias famílias menores, com menor número de línguas, distribuídas mais compactamente. E finalmente, há as chamadas línguas isoladas, que não revelam parentesco com nenhuma das outras e que poderiam alternativamente ser consideradas famílias de um só membro (MONTSERRAT, 1994, p. 95)

Contudo, a língua portuguesa é a que tem mais privilegio e é oficial, mesmo nas escolas indígenas, que tem apoio da legislação para alfabetizar na sua língua indígena, tendo dificuldade de mostrar o valor do ensino da própria língua.

Vale dizer, que a língua portuguesa só passou a ser oficial no Brasil por um ato legal em 1823, assinado por Dom Pedro I, antes a língua mais falada era o Nhe'engatu. Para Luiz Gonzaga de Mello, “[...] a história é um cemitério de povos e nações, igualmente se pode afirmar que ela é um cemitério de idiomas ou línguas. Muitos destes desapareceram sem deixar vestígios, mormente aquelas que não conhecem a escrita” (1982, p. 452).

Num território em que se falavam aproximadamente 1.300 línguas diferentes, a dizimação linguística foi a principal estratégia para a dominação e o etnocídio indígena. Há casos, por exemplo, em que o uso das línguas indígenas foi proibido, como na província do Espírito Santo, sendo sujeito a punições como prisão, surra, e até mesmo a morte para aqueles que desobedecessem. Essa proibição advém do amparo dado pelo decreto pombalino, que tinha como objetivo fazer com que os indígenas deixassem de ser “bárbaros”, adotando nomes portugueses, enquanto as línguas indígenas fossem esquecidas (QUIEZZA, 2014)

Ao dialogarmos sobre a Interculturalidade das línguas, em particular com as línguas indígenas, devemos refletir em como ocorre esta relação, uma vez que a Interculturalidade nem sempre pode significar positivamente determinada questão. Para tanto, o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas – RCNEI (2005) adverte:

[...] quando se considera a sobrevivência das línguas indígenas, tem-se que pensar também em outras armas usadas contra elas e que foram e são tão perigosas quanto o genocídio. Uma das maneiras utilizadas por falantes de línguas dominantes para manter o seu poder linguístico é demonstrar desprezo pelas línguas minoritárias: é referir-se a elas como “gíria”, “dialetos”, “línguas pobres” ou “línguas imperfeitas” (BRASIL, 2005, p. 117).

Para colocar em prática o ensino de língua deve haver apoio institucional, externo, interno e governamental nos vários níveis (municipal, estadual ou federal). Neste contexto as comunidades indígenas do sul da Bahia vivem em processo de revitalização de suas línguas indígenas tendo o maior apoio por parte das escolas indígenas. Essas comunidades e etnias possuem o português como primeira língua, mas estão em processo de revitalização de suas línguas.

Ainda de acordo com o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas – RCNEI (2005, p. 118), “a inclusão de uma língua indígena no currículo escolar tem a função de atribuir-lhe o status de língua plena e de colocá-la, pelo menos no cenário escolar, em pé de igualdade com a língua portuguesa, um direito previsto pela Constituição Brasileira”.

3. O POVO PATAXÓ E A RECONSTRUÇÃO DO PATXOHÃ

O Povo Pataxó tem empreendido esforços no fortalecimento de sua língua, inúmeras são as experiências desenvolvidas nas dezenas de aldeias espalhadas pelos nossos territórios. Professores, professoras e comunidades são incansáveis na construção de metodologias para o ensino da língua indígena Pataxó, junto ao grupo de pesquisadores Pataxó *Atxôhã*. Exemplo disso é Dona Zabelê (Luciana Maria Ferreira). Sobre a categoria “Pesquisadores Pataxó”, Bomfim (2014) coloca:

[...] a princípio, foi um termo apropriado, que utilizei para designar os Pataxó, conhecedores da escrita ou não, cujo papel é pesquisar, conhecer, registrar, na escrita ou na memória, os conhecimentos do universo sociocultural e histórico do povo Pataxó, para contribuir no fortalecimento da sua cultura, seja nas atividades desenvolvidas dentro da comunidade ou em outros espaços (BOMFIM, 2014, p. 130).

Nesta empreitada como pesquisadores Pataxó, homens, mulheres, crianças e velhos são protagonistas na reconstrução da nossa língua. Neste sentido, cabe ressaltar, sobretudo, o papel dos troncos velhos de nossas comunidades, que em suas memórias e oralidades são adubo no fortalecimento de nossa cultura.

Zabelê é um destes troncos velhos. Uma chama acesa da cultura Pataxó que ajudou a reconstruir e revitalizar o Patxôhã, a língua de nosso Povo. Além disso, Zabelê resistiu bravamente, sempre reafirmando sua identidade étnica Pataxó, viveu na aldeia Tibá com os (as) demais parentes, sendo considerada por Cornélio Oliveira (1985) como a única falante que dominava o idioma Pataxó, o Patxôhã. Zabelê antes de falecer, sempre teve o cuidado de ensinar o que sabia da língua Pataxó, sempre reunindo seus filhos netos, sobrinhos, e outras pessoas que tinha o interesse de aprender, passando o valor que a língua Pataxó tinha para ela e para o povo Pataxó, isso permitiu que essa língua fosse repassada para outras gerações.



Zabelê- Aldeia Tiba. Acervo PUTXOP

Zabelê criava suas próprias metodologias de ensinar a língua Pataxó para as crianças e adultos quando a aldeia ainda era em Cumuruxatiba lá por volta de 1978. Ela não era professora formada em ensinar uma segunda língua, mas se saía melhor em todos os sentidos. Zabelê, em uma das suas artes de inventar metodologia para o ensino de língua Pataxó, teve a ideia de toda tarde reunir

seus netos, sobrinhos e outras crianças da aldeia para contar histórias e cortar língua como dizia ela, mas sempre tinha a ideia de todas as sextas-feiras fazer uma grande fogueira em seu quintal de casa, assava peixe na patioba, fazia cauim, fazia beiju, farinha de coco e outros alimentos da culinária Pataxó, então fazia uma grande roda e começava a cortar língua (falar na língua Pataxó) com as crianças. Todos tinham que prestar muita atenção no que ela falasse, porque depois ela voltava e perguntava o nome de cada alimento ali presente, todos teriam de responder a palavra certa na língua Pataxó sem pronunciar o português, se falasse errado não participava do banquete. Exemplo: *Hãwúy upú tapitá* (paçoca de banana).

A criança que ela perguntasse, tinha que ir imediatamente pegar o alimento que ela estava pronunciando, se pronunciasse o português passava para outra criança, porque não podia, para ela esta era a língua do homem branco.

A partir da Licenciatura Intercultural Indígena, no Instituto Federal de Educação Ciências e Tecnologia da Bahia - IFBA, Campus Porto Seguro, na área de Códigos e Linguagem, boas discussões estão sendo geradas entre o professor da disciplina de língua indígena, Francisco Vanderlei e discentes, sobre a importância e a maneira que a língua indígena é ensinada nas escolas, o que tem ajudado no que diz respeito a metodologia de ensino de língua indígena nas escolas indígenas. Algumas questões foram levantadas, como a dificuldade de se revitalizar a língua em sala de aula, os valores culturais e a própria língua, uma vez que há o crescente uso da língua portuguesa em vários contextos, como por exemplo, em conversas formais e informais entre os próprios indígenas. Sabemos que para nós, indígenas que temos a língua portuguesa como língua de uso cotidiano, o desafio de construir propostas que retirem o Patxohã da insuficiente carga horária disponível no currículo da escola é ainda maior. Nesta perspectiva, nas mais diversas escolas Pataxó, encontramos experiências com o trabalho do *Patxohã*, cada aldeia à sua maneira vem contribuindo para a construção da língua do nosso povo. Estarei me detendo às experiências com o *Patxohã* na escola em que eu atuei como professora, e hoje desenvolvo trabalhos na gestão.

4. O PATXOHÃ NA ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA KIJETXAWÊ ZABELÊ

A Escola Estadual indígena Kijetxawê Zabelê é uma homenagem a Dona Zabelê, hoje já falecida (encantada), que ainda muito jovem foi expulsa da aldeia Barra Velha por ocasião do “Fogo de 1951”, nesse período, grande parte de sua família se fixou em Cumuruxatiba. A escola Estadual indígena Kijetxawê Zabelê é uma conquista de um direito assegurado pela Constituição Federal de 1988. E foi criada pela Portaria de Nº. 1181 Código 29445213, em 25 de fevereiro de 2006, após intensas lutas e reivindicações do Povo Pataxó frente ao Estado pela Educação Escolar Indígena, intercultural, diferenciada e específica de qualidade.

A Escola Estadual Indígena Kijetxawê Zabelê, no corrente ano de dois mil e dezessete, passou de escola a Colégio Estadual Indígena Kijetxawê Zabelê por ter sido contemplado com a criação do Ensino Médio. O colégio encontra-se nucleada em 6 (seis) aldeias, sendo elas: Aldeia Kai, Aldeia Tibá, Aldeia Alegria Nova, Aldeia Monte Dourado, Aldeia Dois Irmãos e Aldeia Renascer, cada uma com suas peculiaridades, processos de subjetivação e fabricação do Ser Pataxó (SILVA, 2014). Esta escola pertence a NRE 07 (Núcleo regional de Educação) Teixeira de Freitas –BA, sob a Coordenação regional do Pataxó Agnaldo de Jesus, responsável pela Educação Escolar Indígena no NRE 07 Teixeira de Freitas –BA. Atualmente o Colégio oferece turmas de Educação Infantil, ensino fundamental I e II, Ensino Médio, Educação Especial e Educação de Jovens e Adultos (EJA), atingindo um total de aproximadamente 400 alunos (as).

A prática pedagógica de ensino de língua indígena Pataxó na Escola Estadual Indígena Kijetxawê Zabelê, está relacionada com a cultura Pataxó, dialogando no currículo com as perspectivas e demandas do Povo Pataxó. Na escola e em especial na comunidade aldeia Kaí, o que tem mais gerado discussões entre os professores e comunidade inclusive nas reuniões de pais e alunos é o ensino da língua indígena, que apesar de ter o professor de língua *Patxôhã*, não é suficiente para trabalhar o aprendizado da língua Pataxó. Na maioria das discussões, os pais e lideranças questionam o pouco tempo que as crianças estudam o *Patxôhã*, tempo esse de apenas duas horas por semana. A situação do ensino da língua é de fato muito precária.

Entre esses dez anos de existência da Escola Estadual Indígena Kijetxawê Zabelê, o povo Pataxó das aldeias de Cumuruxatiba, juntamente com a comunidade escolar, vem tentando cada vez mais melhorar a metodologia do ensino da língua indígena *Patxôhã*, pois alguns acreditam que a língua *Patxôhã* deve ser revitalizada e ensinada apenas na escola, outros acreditam que deve haver interação entre comunidade e escola.

De acordo com a matriz curricular, o ensino da língua indígena na Escola Estadual Indígena Kijetxawê Zabelê, contará apenas com duas horas semanais em cada série (ano), o que para os professores é muito pouco tempo para dar conta de ensinar a língua indígena *Patxôhã*. Assim podemos afirmar que para colocar em prática o ensino de uma língua deve haver apoio institucional, externo, interno e governamental nos vários níveis (municipal, estadual e federal), assegurando o que a Constituição Federal de 1988 afirma em seus Artigos 231 e 232.

Partindo desse contexto, o professor de língua indígena Dário Ferreira (*Xôhã*), em trecho de entrevista cedida para este trabalho de pesquisa de Conclusão de Curso, afirma:

É preciso envolver mais pessoas no ensino da língua indígena *Patxôhã*. Na maioria das vezes, pais e lideranças querem apenas que o professor de língua dê conta do recado, mas isso é impossível sem a colaboração de toda a comunidade sendo que a própria matriz escolar não dá mais tempo para trabalhar na escola o ensino de língua indígena (XÔHÃ PATAXÓ, 2015).

Já o professor de língua indígena Pataxó, Ricardo Azevedo (*Xawã* Pataxó) diz: “É preciso começar criando pequenos grupos de falantes fluentes da língua Pataxó para daí desenvolvermos trabalhos da língua indígena nas escolas e nas comunidades” (XAWÃ, 2015).

Trabalhos já realizados com outros professores da Escola Indígena Kijetxawê Zabelê mostram metodologias de ensino de língua Pataxó, como o trabalho desenvolvido pela professora Denilta Nascimento (*Jukunã* Pataxó) em seu trabalho de conclusão de Curso em Magistério Indígena. Nele, Jukunã discute como o ensino do *Patxôhã* na Aldeia Tibá vem sendo realizado a partir da composição de músicas Pataxó. Para Jukunã, a música Pataxó juntamente com o ritual do Awê tem possibilitado um maior aprendizado das crianças, dos

jovens e dos adultos da nossa língua (JUKUNÃ, 2011). Na mesma perspectiva apresentada por Jukunã (2011), Bomfim (2014) coloca:

A música é um elemento importante na vida do Povo Pataxó há muito tempo, por ser uma linguagem que permitiu “guardar” a memória da vida, da cultura do Povo Pataxó, podendo ser transmitida para os mais jovens e também como um elemento para o fortalecimento da identidade do povo Pataxó. Muitas músicas cantadas pelos mais velhos eram na língua portuguesa, entretanto o interesse desses pesquisadores em trazer as palavras do Pataxó para a música constituiu mais uma estratégia para fortalecer a língua e a identidade Pataxó (BOMFIM, 2014, p. 136).

Observamos que a Escola Estadual Indígena Kijetxawê Zabelê vem buscando, junto aos professores e toda comunidade, metodologias para melhorar o ensino da língua *Patxôhã* na escola e na comunidade. No ano de 2014, realizei o projeto “A Feira de troca em *Patxôhã*” para os professores de língua indígena, na qual os professores teriam que trabalhar com as crianças, envolvendo toda a comunidade escolar nessa metodologia. Segundo o professor Ricardo Xauã Pataxó:

O professor deixa de ser aquele que passa as informações para virar quem, numa parceria prepara todos para que elaborem seu conhecimento. Em vez de despejar conteúdos em frente à classe, ele agora pauta seu trabalho no jeito de fazer estudantes desenvolver formas de aplicar esse conhecimento no dia-a-dia (XAUÃ, 2014).

Podemos verificar na fala de Xauã (2014) uma postura pedagógica que vai contra a perspectiva da “educação bancária” (FREIRE, 1974). Para Freire (1974),

[...] a educação libertadora, problematizadora, já não pode ser o ato de depositar, ou de narrar, ou de transferir, ou de transmitir ‘conhecimentos’ e valores aos educandos, meros pacientes à maneira da educação ‘bancária’. (FREIRE, 1974, p. 78)

Neste sentido, a partir de uma perspectiva libertadora, Xauã parte de uma prática alicerçada na significação cotidiana, rechaçando o despejo de conteúdo. Segue abaixo um relato do professor Xauã sobre sua prática de ensino do *Patxohã*:

Professor Ricardo Oliveira

Observado a grande precariedade do ensino da língua Patxôhá, em nossa Escola Estadual Indígena Kijetxawe Zabelé Município de Prado Bahia, chego à conclusão de que a melhor forma de trabalhar o ensino da língua indígena e a escola partindo junto à comunidade. Tirei esta conclusão aparte do momento que uma professora estudante do IFBA em Porto Seguro a Professora Cristiane Maria de Oliveira, em uns dos seus trabalhos na Escola apresentou um projeto para trabalhar a língua. Foi a Feira de Troca em Patxôhá, a feira de troca para mim foi muito importante para o aprendizado dos nossos alunos, e ter o contato direto com as pessoas da comunidade, também gostei porque os alunos teriam que falar em Patxôhá, se não, não poderia trocar o seu produto. Vi ali a empolgação das crianças e adultos em aprender e pesquisar a língua. Mas que pena que a feira ainda não foi realizada por falta de recursos.

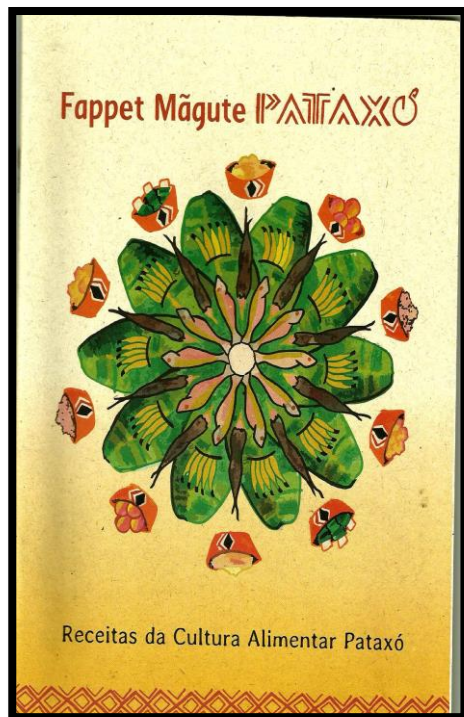
Mas até onde chegamos valeu a experiência que adquiri junto com a professora Cristiane, ganhei muito conhecimento e aprendizado para passar para os meus alunos e assim perceber que o ensino da língua virá através de diversos tipos de metodologias diferentes. Espero que no ano que vem a Feira se realize levando em conta que esse ano de 2014 não será possível, com as tantas dificuldades que estamos enfrentado na escola e comunidade, e daí então realizarmos as trocas em Patxôhá no ano que vem 2015.

Avaliação da Feira de Troca em Patxôhá.

Professor: Ricardo Oliveira professor de Cultura aldeia Kaí cumuruxatiba.

O relato do professor Ricardo deixa claro que a escola sem a comunidade não conseguirá promover um ensino de *Patxôhá* de qualidade. Para tanto, o mesmo assinala a necessidade de metodologias inclusivas comunitárias para o ensino do *Patxôhá*. É só pela via comunitária que conseguiremos promover a reconstrução da nossa língua.

Além dessas metodologias a Escola também trabalha em parceria com outros colaboradores, por exemplo, a Universidade Estadual da Bahia- UNEB e a Universidade Federal do Vale do Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM, CNPq, FAPESB, que juntamente com as comunidades Pataxó de Cumuruxatiba criaram o “*Fappet Mãgute Pataxó - Caderno de Receitas da Cultura Alimentar Pataxó*”, que tem contribuído muito para a pesquisa dos professores em criar outras metodologias através das pesquisas no ensino de língua.



>><< Receitas

HÄWÜY ÖPÜ TAPITÄ (Paçoca de banana)	7
HÄWÜY ÖPÜ UHUY (Paçoca de alpim)	8
MAKAIÁBA (Matampaça - Beijú)	9
ARAIKÄ ÖPÜ UHUY (Bolo de alpim)	10
MAKAIÁBA ÖPÜ NÁHA (Beijú de rolo)	12
ARAYKÄ ÖPÜ MUKUNARÜ (Bolo de puba)	14
MAKAIÁBA SUNIA (Beijú com carne)	15
KUYUNA TOMEMINÁ (Farinha moreninha)	16
MUCUSUY MÜKIXAO ÖI ABJAU (Peixe assado no pau)	17
MUCUSUY ÖI PATIOBA (Peixe na patioaba)	18
JITA ÖPÜ BOKWÄDXÉ (Farofa de dendê)	19
CAUI ou JAROBÁ	20
ANGU ÖPÜ KÄBARÄ (Angü de caranguejo)	22
BORÉ MUKIXAO (Ouriço assado)	23
JITÄ ÖPÜ TAPIOCA (Farinha de tapioca)	24
KIBEMBE ÖPÜ ÄGOYRÄ (Kibembe de abóbora)	26


MAKAIÁBA ÖPÜ NÁHA
Beijú de rolo


Ingredientes:

- 1 Kg de goma;
- 2 xícaras de chá de açúcar;
- 2 Cocos ralados;
- Leite de coco dos 2 cocos ralados;
- Sal a gosto.

Modo de fazer:

Faça o beijú e o deixe esfriar. Após 5 minutos tempere o beijú com leite de coco, temperado com açúcar e espalhando sobre o beijú. Depois enrole o beijú na palha de banana, amarrando as pontas e o meio. E leve novamente ao forno até as palhas ficarem bem douradinhas.






"A kuyuna é assim que se faz ..."

Pegar a mandioca e colocar dentro da água; depois ralar, prensar e colocar no forno para secar.

Depois de pronto pode fazer outra farinha com a mesma. É só misturar coco ralado e voltar para o forno para secar. Essa farinha a gente come com café e leite."

Escorpião (Jovita-Maria de Oliveira)
Aldeia Kai



Observamos o material acima construído a partir de pesquisa com os mais velhos das comunidades Pataxó de Cumuruxatiba. O Caderno tem iniciativas de diálogo com o Patxôhã, dialogando com a cultura alimentar Pataxó, contribuindo com a Segurança e Soberania Alimentar do nosso povo.

Como já colocado neste texto, as metodologias de ensino do *Patxohã* vem se desenvolvendo em meio a dificuldades quanto a falta de material didático específico para o ensino de línguas, sendo o material existente criado por pesquisadores/professores Pataxó do grupo *Atxohã*.

Vale compartilhar ainda as experiências do ensino do *Patxohã* na Educação infantil, onde temos observado uma maior facilidade das crianças aprenderem e falarem do dia-a-dia de suas brincadeiras. Neste sentido, é comum encontrarmos pelas aldeias crianças de 3 a 5 anos entoando músicas em *Patxohã*, demonstrando orgulho dos pais e demais membros das comunidades.

Vale dizer que o processo de revitalização do *Patxohã* tem se dado de diferentes maneiras em nossas aldeias, neste sentido, não há um modelo único de retomada linguística. Desta forma, como bem assinala Bomfim e Costa (2014), a revitalização de uma língua “[...] não pode também ser formatada dentro de um padrão único, há muitas vertentes para a revitalização, pois cada comunidade conta com suas especificidades linguísticas” (BOMFIM; COSTA, 2014, p. 17-18).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se debruçar sobre a (re) construção da língua do meu povo é uma tarefa que me move academicamente e enquanto pessoa Pataxó. Entendo que como prática escolarizada, o ensino do *Patxohã* nas escolas Pataxó, em particular na Escola Estadual Indígena Kijetxawê Zabelê, obedece a uma reafirmação étnica, e logo política, do que significa ser Pataxó no Brasil, na Bahia, em Prado, em Cumuruxatiba. Território imemorial do nosso povo, saqueado e usurpado durante décadas como a nossa língua.

Cada passo trilhado pelos nossos (as) professores (as), pelos nossos anciãos e pelo grupo de pesquisa *Atxohã* significa nossa luta no caminho do fortalecimento da nossa identidade Pataxó. A escola Pataxó não teria outro sentido a não ser fortalecer a cultura do nosso povo. Temos consciência que a reconstrução não é uma tarefa simples, não perpassando esta apenas pela escola. Contudo, diante da ausência de políticas públicas para uma retomada

linguística dos povos que tiveram suas línguas saqueadas durante séculos de genocídio étnico e linguístico, a escola tem sido essa via de diálogo e aglomeração das retomadas linguísticas.

Pelas músicas, pelas receitas de Mãgute, pela nossa etnomedicina, entre outras práticas, revisitamos as memórias dos nossos troncos velhos. Os verdadeiros mananciais de nossa cultura. Somos filhos (as) de *Txopai*, somos o Povo Pataxó, falantes do *Patxohã* e da língua portuguesa. Acreditamos que nossa identidade perpassa essa interculturalidade e esse bilinguismo, estando sempre abertos para o que chega. Somos fluxos contínuos de travessias, caminhos culturais que não se fecham e não se esgotam. Somos misturas e recomposições. Somos *Patxôhã*!

Na busca de retomar o *Patxohã* como nossa língua materna de uso cotidiano, não temos dúvida que a escola será a instituição que possibilitará isso. Desta forma, observando o quanto é mais fácil as crianças menores aprenderem o *Patxohã*. Temos reivindicado a autorização para implantação da Educação Infantil (creche e pré-escola) em nossa comunidade, por entender que nesta modalidade de ensino poderemos começar a construir processos linguísticos baseados na construção do ser Pataxó.

6. REFERÊNCIAS

BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Trad. Lucie Didio. Brasília: Liber Livro, 2002.

BOMFIM, Anari Braz. *Patxohã: o processo da língua Pataxó no tempo presente*. In.: SANTOS, Jocélio Teles dos (Org.). **Discutindo Etnicidades: alimentação, afro-religiosidade, percursos intelectuais negros, política linguística e adornos corporais indígenas**. Salvador: EDUFBA, 2014.

BOMFIM, Anari Braz; COSTA, Francisco Vanderlei Ferreira da. *Revitalização de Língua Indígena no Sul da Bahia*. In: BOMFIM, Anari Braz; COSTA, Francisco Vanderlei Ferreira da (Orgs.). **Revitalização de Língua Indígena e Educação Escolar Indígena Inclusiva**. Salvador: EGBA, 2014.

BRASIL, **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas – RCNEI**. Brasília: SECAD, 2005.

ENGEL, Guido Irineu. Pesquisa-Ação. In: **Revista Educar**. Curitiba, n. 16, p. 181-191, 2000.

FORTIN, Sylvie. Contribuições possíveis da etnografia e da auto-etnografia para a pesquisa na prática artística. In: **Revista Cena**. Porto Alegre, n. 7, p. 77-88, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 1.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1974.

JUKUNÃ (Denilta Pataxó). **Areneá Patxohã: O Ensino do Patxohã na Escola Estadual Indígena Kijetxawê Zabelê- Aldeia Tibá**. Secretaria de Educação do Estado da Bahia, 2011.

MELLO. Luiz Gonzaga de. **Antropologia Cultural: iniciação, teoria e temas**, Editora Vozes, Petrópolis, 1982.

MONTSERRAT, Ruth Maria Fonini. Línguas Indígenas no Brasil Contemporâneo. In: GRUPIONI, Donisete Benzi (Org.). **Índios no Brasil**. Brasília: MEC, 1994.

PIMENTA, Selma G e FRANCO, Maria A. Santoro. **Pesquisa em educação. Possibilidades investigativas/formativas da pesquisa-ação**. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

QUIEZZA, Jocelino da Silveira. **A Revitalização Linguística e o Fortalecimento da Identidade Cultural Tupinikim**. São Leopoldo: Oikos, 2014.

SILVA, Paulo de Tássio Borges da. **As Relações de Interculturalidade entre Conhecimento Científico e Conhecimentos Tradicionais na Escola Estadual Indígena Kijetxawê Zabelê**. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2014.

